

“VOCÊ TEM AS MESMAS 24 HORAS QUE UM BILIONÁRIO”: A NEUROPRODUTIVIDADE COMO DISPOSITIVO DO BIOPODER

“TIENES LAS MISMAS 24 HORAS QUE UN MULTIMILLONARIO”: LA
NEUROPRODUCTIVIDAD COMO HERRAMIENTA DE BIOPODER

“YOU HAVE THE SAME 24 HOURS LIKE A BILLIONAIRE”: NEUROPRODUCTIVITY AS A
DEVICE OF BIOPOWER

Andréia Muniz Lisboa^{*}

Elizangela Araújo dos Santos Fernandes^{**}

Universidade Federal de Santa Catarina

RESUMO: Este artigo tem o objetivo de realizar uma análise dos discursos de um anúncio protagonizado por um médico que propõe um método de neuroprodutividade para alcançar ascensão financeira. O *corpus* é composto por um vídeo-anúncio que se encontra com frequência no meio de outros vídeos expostos pelo *YouTube*, de modo que seu conteúdo é visto pela maioria dos usuários que acessam a modalidade aberta da plataforma. Diante do exposto, partimos de um gesto de interpretação sobre discursivizações em torno do capitalismo contemporâneo, centrado em uma política econômica neoliberal, sendo ele parte estruturante das condições de existência que conjectura o enunciado do mercado de *coaching* financeiro. Feito isso, passamos, então, aos entrelaçamentos do capitalismo contemporâneo agenciado no corpo, por meio do pressuposto teórico do biopoder de Foucault (2008). Fechamos o texto com observações acerca do funcionamento do discurso capitalista que controla os corpos por meio de práticas de autogovernança, incentivando o sujeito a se monitorar e ajustar continuamente sua biologia em prol do sistema econômico.

PALAVRAS-CHAVE: Capitalismo. Financeirização. Medicina. Biopoder. Neuroprodutividade.

RESUMEN: El objetivo de este artículo es analizar el discurso de un anuncio protagonizado por un médico que propone un método de neuroproductividad para lograr el crecimiento financiero. El corpus está constituido por un anuncio en vídeo que suele encontrarse entre otros vídeos en *YouTube*, por lo que su contenido es visto por la mayoría de los usuarios que acceden en abierto

^{*} Mestra em Letras pela Universidade Federal do Tocantins (UFT), Campus de Porto Nacional - TO. Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL), da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Bolsista Capes/Proex. E-mail: lisboadeia38@gmail.com.

^{**} Bacharela em Direito pela Universidade Estadual do Tocantins (UNITINS). Advogada. Mestra em Letras pela Universidade Federal do Tocantins (UFT), Campus de Porto Nacional, TO. Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL), da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). E-mail: elizangelabibi2@yahoo.com.br.

a la plataforma. Teniendo en cuenta lo anterior, partimos de un gesto de interpretación sobre las discursivizaciones en torno al capitalismo contemporáneo, centrado en una política económica neoliberal, que es parte estructurante de las condiciones de existencia que conjuran el mercado del coaching financiero. Una vez hecho esto, pasamos a la imbricación del capitalismo contemporáneo actuando sobre el cuerpo, a través de la asunción teórica del biopoder de Foucault (2008). Cerramos el texto con observaciones sobre el funcionamiento del discurso capitalista que controla los cuerpos a través de prácticas de autogobierno, incitando al sujeto a vigilar y ajustar continuamente su biología a favor del sistema económico.

PALABRAS CLAVE: Capitalismo. Financiarización. Medicamento. Biopoder. Neuroproductividad.

ABSTRACT: This article aims to analyze the discourse of an advertisement featuring a doctor who proposes a neuroproductivity method for achieving financial success. The corpus consists of a video advertisement that frequently appears among other videos on YouTube, making its content accessible to most users who engage with the platform's open mode. In light of this, we begin with an interpretative gesture regarding the discourses surrounding contemporary capitalism, focused on a neoliberal economic policy, which is a structural component of the conditions of existence that underlie the statement of the financial coaching market. Having established this foundation, we then explore the intertwining of contemporary capitalism as it is manifested in the body, through the theoretical lens of Foucault's concept of biopower (2008). We conclude the text with observations on the functioning of capitalist discourse that governs bodies through practices of self-governance, encouraging individuals to continuously monitor and adjust their biology in service of the economic system.

KEYWORDS: Capitalism. Financialization. Medicine. Biopower. Neuroproductivity.

1 INTRODUÇÃO

“O homem, durante milênios permaneceu o que era para Aristóteles: um animal vivo e, além disso, capaz de existência política; o homem moderno é um animal, em cuja política, sua vida de ser vivo está em questão” (Foucault, 1999, p. 134)

As configurações do capitalismo *contemporâneo* estão sob um regime de acumulação moldado por um tipo de “capital portador de juros” (Chesnais, 2016). Durante a crise estrutural do capitalismo, as metamorfoses do capital, a saber, a globalização e o avanço tecnológico, foram processos indissociáveis do capital financeiro. Nele, as corporações financeiras (bancos, fundos de investimentos e empresas não financeiras) operaram para a centralização do mais-valor a partir de juros, lucros e rendimentos individuais, que teve, como resultado, a liberação e a desregulamentação dos fluxos financeiros e da austeridade fiscal, dando base para concentração das massas de capital nas mãos de poucos, operando nos mercados globais (Chesnais, 2016).

Com isso, segundo Chesnais (2016), o capital financeiro se sustenta pelo fluxo de rentabilidade a partir de juros, de dívida pública e corporativa, de sistemas de poupança, entre outros, de modo que o desenvolvimento de capital a juros é a própria expressão do seu funcionamento concreto centralizado nas mãos do capital internacional. Esses arranjos e rearranjos do processo de reprodução e acumulação do capital são característicos, ou melhor, são bases de uma política econômica neoliberal que ampliou o capital financeiro, a partir dos processos de regulamentações, da austeridade fiscal, da privatização de empresas estatais, da demanda de livre comércio, entre outras coisas. Em suma, a agenda neoliberal é a mais *nova* receita do capitalismo para se salvar da crise provocada por ele mesmo e evitar o colapso do tripé que o sustenta: privatização, aumento de preços e diminuição salarial (Santos; Dutra Júnior; Silva, 2024). É o resultado do avanço da concentração e da centralização do capital no plano do mercado mundial; esse modo de atuação leva à ampliação de suas operações financeiras.

Todavia, a conjuntura do capitalismo não se resume tão somente a ser um sistema econômico em voga, antes de tudo, trata-se de um dispositivo de poder (Foucault, 1999) que opera por meio de semioses que o faz circular e se consolidar como único sistema econômico possível. Seu processo de implementação envolve, sobretudo, as divisões do trabalho numa proposta de promoção da liberdade econômica, empreendedorismo individual, livre mercado e livre comércio, gestado, não só, mas a partir do uso das tecnologias. Essas são algumas das condições estruturais que ancoram e que possibilitam a incorporação de políticas neoliberais, basilares na manutenção do capitalismo contemporâneo que assume diferentes modalidades de trabalho.

Nesse movimento, o trabalho atravessa uma precarização impulsionada pela política de empreendedorismo, com vínculos informais mal remunerados. Seguindo essa perspectiva, o trabalhador *detém* um grau de *liberdade* para realização de serviço, tendo *opções*, inclusive, para exercer diversas funções ao mesmo tempo, desde que ele mesmo assuma os riscos iminentes desse processo. Essa modalidade intensifica-se com o uso da tecnologia, em um processo denominado por Antunes (2020) como *urberização* do trabalho. Trata-se de um modelo de trabalho que flexibiliza a prestação de serviço, conforme a demanda, e o faz a partir de plataforma *on-line*.

Entre as novas profissões que versam nessa perspectiva neoliberal, há a esfera dos influenciadores digitais, que, por sua vez, está atrelada a outro tipo, os *coaches*; entre as mais diversas esferas, estão os *coaches* financeiros. Todos fazem parte de um conglomerado: o processo de financeirização do capitalismo contemporâneo, comentado anteriormente. Com base nesse exposto, escolhemos para este trabalho, um vídeo-anúncio¹ divulgado na plataforma gratuita do *YouTube* sobre neuroprodutividade. A justificativa para tal análise reporta por, pelo menos, dois pontos. O primeiro é o da materialidade repetível: a acentuada produção de audiovisuais que ofertam propagandas sobre ascensão financeira. Intitulados como *coaches*, os indivíduos oferecem mentorias que visam driblar a crise financeira dos brasileiros. O segundo é que as regularidades discursivas são, como afirma Foucault (2015), saberes que se constituem por condição de existência (porque esse enunciado e não outro em seu lugar) e pelo regime de dispersão, o que tem de diferente no enunciado que o torna raro: entre as demasiadas áreas, há uma ramificação que se debruça sobre a crise financeira. É nessa esfera que este trabalho se centraliza: analisar os discursos de um anúncio protagonizado por um médico que propõe um método de neuroprodutividade para alcançar ascensão econômica.

O artigo está organizado da seguinte forma: na primeira parte, são realizadas discursivizações em torno do capitalismo contemporâneo, sendo ele parte estruturante das condições de existência que conjecturam o enunciado do mercado de *coaching* financeiro. Na segunda parte da análise, identificamos os entrelaçamentos do capitalismo contemporâneo agenciado no corpo, por meio do pressuposto teórico do biopoder de Foucault (2008). E, por fim, nas considerações finais, descrevemos os dados analíticos obtidos para depreender o cotejamento do processo enunciativo.

2 “EMPRESÁRIO DE SI MESMO”: CAPITALISMO CONTEMPORÂNEO E A PRODUTIVIDADE

O processo de deslocamento da crise econômica versa a partir (e não somente) dos famigerados *coaches* financeiros, como argumentado na introdução, que têm como papel fundante a mobilização de discursos sobre o empresariamento de si. As relações de poder-saber do neoliberalismo circundam, ou melhor, gestam esse movimento de produção de subjetividades, e ele é proeminente das práticas que constituem as semioses do capitalismo contemporâneo. Nas palavras de Foucault (2008, p. 119), “[...] se a exploração econômica separa a força e o produto do trabalho, digamos que a coerção disciplinar estabelece no corpo o elo coercitivo entre uma aptidão aumentada e uma dominação acentuada”. Nesse ínterim, “[...] o *homo economicus* que se quer reconstituir não é o homem da troca, não é o homem consumidor, é o homem da empresa e da produção” (Foucault, 2008, p. 201). Assim, a instabilidade econômica repousa sobre os sujeitos que, para alcançarem a estabilidade financeira, devem se esforçar mais e se disciplinar. Assim, o trabalho está condicionado a “[...] uma forma de relação do indivíduo consigo mesmo, com o tempo, com seu círculo, com o futuro, com o grupo, com a família” (Foucault, 2008, p. 332).

Um das formas de manutenção do capitalismo contemporâneo está na promoção de uma política neoliberal, apresentando o indivíduo deslocado do seu meio, isto é, “[...] a articulação entre ‘produção’ e ‘produção de subjetividade’ está fundada na dívida e no homem endividado” (Lazzarato, 2014, p. 14). A materialidade audiovisual, que é o objeto analítico deste trabalho, elabora uma imagem discursiva da economia, focada na produtividade e ascensão financeira que se dá por um discurso meritocrático. Vejamos, nas imagens da figura 1, a análise dos excertos do objeto em estudo que aprofunda mais esta questão.

¹ Os vídeoanúncios ficam embutidos nos vídeos originais que o usuário escolhe para assistir, uma espécie de propaganda comercial, sendo os três primeiros minutos obrigatórios. É relevante destacar que, nas análises realizadas em 2024, o vídeo em questão figurava como anúncio entre vídeos no YouTube. Considerando a fluidez intrínseca das plataformas digitais e a natureza maleável de gêneros como o “vídeo anúncio”, o conteúdo encontra-se atualmente indisponível. O portal ao qual direcionava o acessador (clcando no anúncio) mantém uma atualização que reproduz a regularidade discursiva associada ao vídeo original. Observa-se uma mudança nos dispositivos de captura e circulação do enunciado: o arquivo que legitimava o discurso (o vídeoanúncio) migra para um novo regime de visibilidade, mantendo, ainda assim, traços de enunciação, formulação de sujeito e relação de poder que estruturavam a versão anterior.

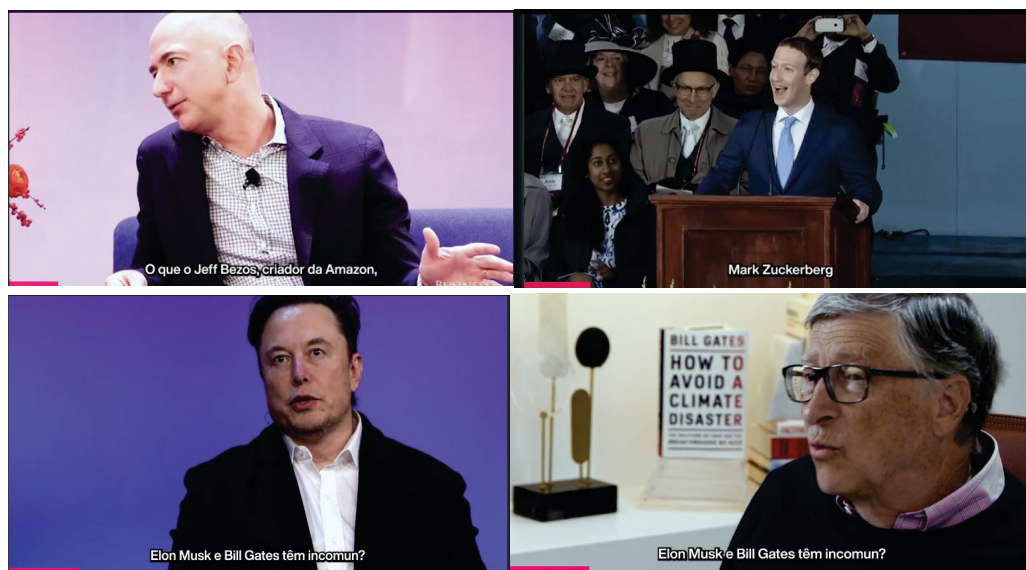


Figura 1: Homens mais ricos do mundo

Fonte: *prints* de tela elaborados pelas autoras (2025) a partir de Porto (2024)²

O primeiro excerto que percorre os minutos iniciais do audiovisual destaca três empresários: Jeff Bazons, Mark Zuckeberg, Elon Musk e Bill Gates. Eles compõem a lista das pessoas financeiramente bem-sucedidas no mundo. Suas imagens, estampadas nos primeiros minutos de abertura, delineiam, discursivamente, de que lugar se fala, em que contexto de mediação e, mais ainda, o parâmetro do método financeiro a ser apresentado. O enunciatório é levado, pelas posições sociais ocupadas por esses indivíduos, bem como seus currículos promissores que se situam num escopo financeiro elevadíssimo, a almejar tais posições.

O movimento discursivo de cunho empresarial do audiovisual situa-se na modulação neoliberal do empresariamento de si, que se funda por uma destituição dos meandros complexos da esfera econômica, numa paridade intradiscursiva: “você tem as mesmas 24h que um bilionário”; logo, você não é um empresário porque não sabe fazer bom uso de seu tempo. Esse é o escopo do capitalismo que “[...] consiste na articulação de fluxos econômicos, tecnológicos e sociais com a produção de subjetividade de tal maneira que a economia política se mostre idêntica à ‘economia subjetiva’” (Lazzarato, 2014, p. 14).

Na materialidade analítica, o discurso empresarial, circunscrito por uma ordem do discurso médico, produz e incentiva a perpetuação dos moldes neoliberal *do it yourself* (faça você mesmo), operando o modelo de sujeito empreendedor de si mesmo, do eu empresário, circunscrito no interior das manobras do capitalismo contemporâneo. Os processos de subjetivação, segundo Guattari e Rolnik (1986, p. 31)

[...] não são centrados em agentes individuais (no funcionamento de instâncias psíquicas, egóicas, microsociais), nem em agentes grupais. Esses processos são duplamente descentrados. Implicam o funcionamento de máquinas de expressão que podem ser de natureza extrapessoal, extraindividual (sistemas maquínicos, econômicos, sociais, tecnológicos, icônicos, ecológicos, etológicos, de mídia, enfim, sistemas que não são imediatamente antropológicos), quanto de natureza infra-humana, infrapsíquica, infrapessoal (sistemas de percepção, de sensibilidade, de afeto, de desejo, de representação, de imagens, de valor, modos de memorização e de produção ideica, sistemas de inibição e de automatismos, sistemas corporais, orgânicos, biológicos, fisiológicos, etc).

Há, nos processos de subjetivação, uma intersecção complexa e contínua entre o que está fora e o que está dentro que se organizam pela e na subjetividade maquínica (Deleuze; Guattari, 2010), que, no âmbito psicológico, forja as identidades como restos do processo de produção em um certo grau de reificação, de modo que o desejo funcione com efeito de poder. Nessa direção, Deleuze

² Cabe ressaltar que, no período da análise, o vídeo objeto de estudo encontrava-se disponível no website da empresa Integração Humana e Treinamento Eirelli, que apresentava uma forma específica de acesso. Ao acionar o link, o usuário não podia pausar o conteúdo nem visualizar a marca temporal em minutos; apenas era possível realizar capturas de tela, motivo pelo qual as informações de minutos não foram disponibilizadas.

e Guatarri (2010) mostram que a vida é uma variável econômica em que a mercadoria corpo é agenciada por meio das subjetividades, controlada pelas demandas de produção sobre todas as partes que constituem o corpo orgânico e inorgânico. No modo do capitalismo contemporâneo, o indivíduo é uma abstração corporificada especialmente útil para a produção. Nele, há uma forma de organização social sutil e difusa que afeta a relação do indivíduo com o próprio corpo que consiste na articulação não só dos fluxos econômicos, tecnológicos e sociais, como comentado anteriormente, mas na produção de subjetividades a partir de aparelhos disciplinares e da modulação das massas por biopoder (Foucault, 2008). A seguir, na próxima seção, analisamos mais excertos que evidenciam esse movimento.

3 PRÁTICAS DA NEUROCIÊNCIA COMO DISPOSITIVO DO BIOPODER

No tópico anterior, discutimos as fragmentações constitutivas da promoção do discurso meritocrático que se constitui, a partir e não somente, de um regime de subjetividades. É exatamente pelo apagamento sobre o processo da acumulação primitiva e da alienação de que fala Marx (1985, 2013) e da financeirização com a promulgação do mercado livre via discurso neoliberal que o controle e poder são exercidos. A gestão da economia sempre caminhou para maximização da produtividade na obtenção de lucros à custa da exploração da força de trabalho, como já discutiu Marx (1985, 2013) na sua trilogia sobre o capital. Na contemporaneidade, os meios para alcançar tal feito versam, principalmente, pelo discurso de empreendedorismo, alinhado às estruturas das semioses do capitalismo, sendo a internet ferramenta primordial. A seguir, detalhamos melhor, por meio da análise dos excertos, como o discurso meritocrático se reveste como técnica disciplinar para o controle dos corpos e sua docilização.

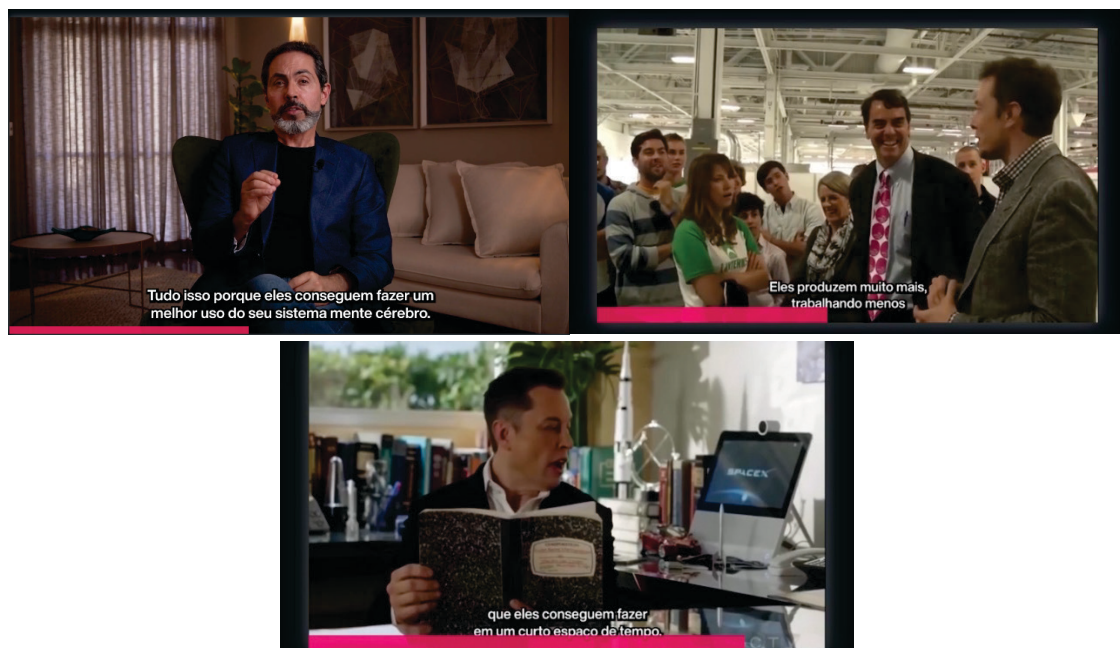


Figura 2: Marketing empresarial e saberes médicos

Fonte: *prints* de tela elaborados pelas autoras (2025) a partir de Porto (2024)

Pelos excertos, observa-se o discurso de *marketing* empresarial, operando na materialidade audiovisual pelo discurso médico. Aqui, vale notar que, conforme Foucault (2010), o discurso é regulamentado por meio de uma ordem de saber e poder; no caso da materialidade, a partir de um lugar legítimo de conhecimento na sociedade, a medicina. Os dizeres postos sobre a produtividade ganham valor de verdade científica. Segundo Foucault (2010), a “[...] medicina é um saber-poder que incide, ao mesmo tempo, sobre o corpo e sobre a população, sobre o organismo e sobre os processos biológicos, que vai ter efeitos disciplinares e efeitos regulamentadores” (Foucault, 2010, p. 212). Portanto, na materialidade, o lugar onde se fala, a medicina, e quem é o portador, um médico, tornam-se um princípio regulador dos dizeres empresariais. Verifica-se que as cenas que compõem o audiovisual se passam em uma sala de estar, lugar de familiaridade e conforto, e um espaço empresarial, o escritório. Os lugares e as posições são marcadores do discurso neoliberal do empresariamento de si. O tipo de trabalho e a posição de poder a ser almejada. Em

consonância, a imagem do empresário bilionário Elon Musk, herdeiro de minas de esmeraldas com fortuna avaliada em cerca de 1,38 trilhão de reais (Bragado, 2024) em um dos cortes ratifica esse lugar de ascensão no mercado financeiro pelo viés da meritocracia.

Como argumenta Foucault (2014, p. 8-9), toda produção do discurso é ao mesmo tempo “[...] controlada, selecionada, organizada e redistribuída por um certo número de procedimento cuja função é conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade”. Na materialidade, o discurso empresarial é apresentado planejado, descolado do movimento histórico que o constitui. É necessário desmembrá-lo. Para isso, faremos uso dos pressupostos de Marx (1985, 2013) sobre a acumulação primitiva do capital. Conforme a teoria marxista, há usurpação dos meios de produção na garantia de concentração e centralização das riquezas, suplantando uma ordem de poder exercida sobre o trabalho, o trabalhador e a terra. Nas palavras do autor, “[...] para que o sistema capitalista viesse ao mundo foi preciso que, os meios de produção se encontrassem já nas mãos dos produtores comerciantes e que estes os empregassem para especular o trabalho dos outros [...] eis a causa da acumulação chamada ‘primitiva’” (Marx, 1985, p. 15). Essa é a configuração que constitui, em partes, a existência de bilionários como os que são apresentados no audiovisual.

Vale ressaltar que a acumulação primitiva é condição histórica, originária, fundamental, para o capital existir concretamente e ganhar corpo e se expandir socialmente. Entretanto, não é só isso que explica a relação com os bilionários. Marx (1985, 2013) fala também do processo de acumulação e reprodução do capitalismo via crises. Nele, o capitalismo, para se manter como agenciador da economia e continuar operando seu modo de produção, refugia-se pelo capital financeiro, como desenvolvimento da própria resposta desse mesmo capital produtivo que, ao mesmo tempo que emprega, precisa da escassez do mercado de trabalho para criar possibilidades outras de controle.

No que tange à última crise capitalista, a da subjetividade, o sujeito é posto como centro de debate, nela há – nem só, mas também – um arranjo discursivo que coloca o sujeito como responsável direto da sua própria condição financeira, separando-a de todo o processo histórico. Tal ordem discursiva pode ser observada nas configurações atuais de trabalho, os *coaches* financeiros, que se alimentam do discurso da livre demanda, do mercado livre para criar saídas para sustentação e manutenção do processo de acumulação e reprodução do sistema capitalista. Nessa perspectiva, Foucault (2002) mostra que o trabalho, na sua gênese, tem a função de corrigir, disciplinar e alienar parte da vida e do tempo do sujeito. A organização burguesa normatizou cada segundo das vidas dos sujeitos em torno do trabalho. Para Foucault (2002, p. 124),

[...] o trabalho não é absolutamente a essência concreta do homem, ou a existência do homem em sua forma concreta. Para que os homens sejam efetivamente colocados no trabalho, ligados ao trabalho, é preciso uma operação, ou uma série de operações complexas, pelas quais os homens se encontram efetivamente, não de maneira analítica, mas sintética, ligados ao aparelho de produção para o qual trabalham. É preciso a operação ou síntese operada por um poder político para que a essência do homem possa aparecer como sendo a do trabalho.

O trabalho encontra seu protagonismo pelas relações de poder antes mesmo das relações de produção. Trata-se de uma instituição disciplinar que gerencia o tempo de vida dos sujeitos no funcionamento de uma economia permanente. Assim, a vida vai sendo a métrica fundamental para os cálculos econômicos. Os corpos dos trabalhadores devem dar lucros para se tornarem um “capital humano”. O trabalho, no viés do neoliberalismo, pode ser definido como “o *homo oeconomicus*” (Foucault, 2008), o empresário de si, sendo o sujeito, o próprio capital, para si o próprio produtor e fonte de renda.

A regulação e o controle são feitos nas microesferas, por mecanismos discretos que agem por meio da sedução e conquista do sujeito para produção de um bem-estar social com fins de disciplinar e individualizar os corpos, tornando-os dóceis e fáceis de manipular, pois, como diz Foucault (2008), corpos adestrados são passíveis de serem controlados. Eis o movimento do neoliberalismo que seleciona e organiza uma ordem do discurso sobre o problema da crise econômica gestada no próprio capitalismo, centrando-a no sujeito e seus corpos. No objetivo analítico, o discurso médico produz efeitos de verdade sobre o trabalho, o trabalhador e o mercado financeiro, demandando poder ao sujeito no controle de sua mente para alçar os patamares de um bilionário e, assim, ser bem-sucedido.

A disciplinarização dos corpos está moldada por uma série de intervenções políticas, econômicas e mecanismos de controle para tornar os sujeitos úteis, força de trabalho para o sistema social, haja vista que corpos docilizados são produtivos (Foucault, 2014). O desenvolvimento do capitalismo se constitui no e pelo desenvolvimento de técnicas para conhecimento da vida humana em suas mais diversificadas e íntimas partes, quanto mais se conhece, mais se controla tanto para um procedimento de exclusão como para a produção de um poder produtivo (Foucault, 1999). Nas palavras do autor,

[...] o ajustamento da acumulação dos homens à do capital, a articulação do crescimento dos grupos humanos à expansão das forças produtivas e repartição diferencial do lucro, foram, em parte tornados possível pelo exercício do biopoder com suas formas e procedimentos múltiplos. O investimento sobre o corpo vivo, sua valorização e a gestão distributiva de suas forças foram indispensáveis naquele momento de afirmação do capitalismo (Foucault, 1999, p. 133).

Nessa direção, o poder disciplinar é indispensável no desenvolvimento do sistema capitalista que, regido pela inserção controlada de corpos, articula sua expansão na acumulação de capital que são exercidas pelos mecanismos de vigilância, adestramento e diversas outras formas e procedimentos de controle, a partir de uma tecnologia disciplinar do corpo para o exercício do biopoder. Nos próximos excertos, veremos como se constitui.

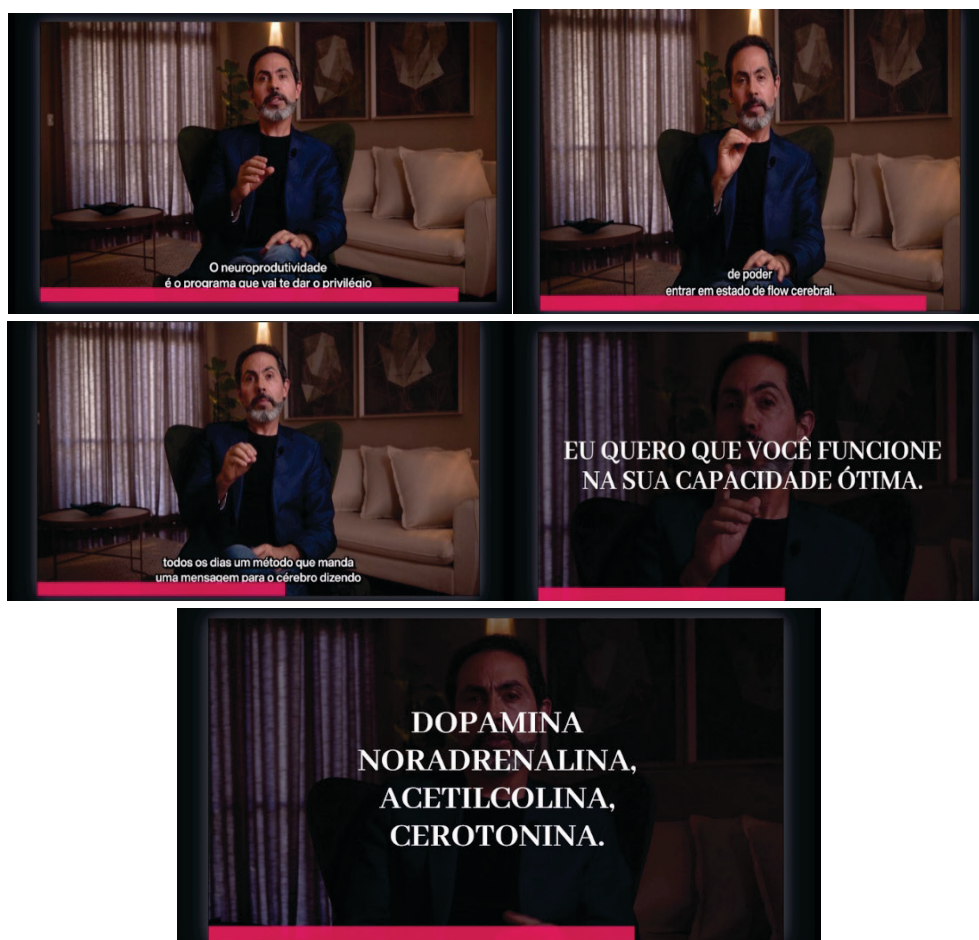


Figura 3: Discurso médico sobre produtividade

Fonte: *prints* de tela elaborados pelas autoras (2025) a partir de Porto (2024)

Conforme já sinalizado por Foucault (1999), o procedimento de controle se fundamenta em formas específicas de poder, entre as quais o poder disciplinar se apresenta como um dos mecanismos. Trata-se de um dispositivo de controle que atua diretamente sobre os corpos, por meio de técnicas de disciplinamento. O biopoder, por seu turno, opera sobre o corpo vivo. As dinâmicas econômicas e sociais encontram-se intrinsecamente entrelaçadas à relação entre poder e corpo, relação que Foucault (1999) denomina biopoder.

Vejamos, pois, que o poder, como é colocado pelo autor, não se exerce apenas de maneira repressiva, para seu total funcionamento, há mecanismos de poder produtivo que disciplinam, organizam as vidas dos sujeitos, moldando seus corpos e comportamentos para que estes se ajustem ao sistema econômico. Em linhas gerais, o poder disciplinar refere-se a uma das formas de controle em que o corpo se torna um elemento ativo de produção de valor. O investimento que se dá a esse corpo implica no aumento dos fluxos econômicos, maximização da eficiência e lucro. O elemento fundamental para regulação da vida na consolidação entre o poder disciplinar e o poder de regulamentação age por meio da norma. Conforme explica Foucault (1999, p. 302),

[...] o elemento que vai circular entre o disciplinar e o regulamentador, que vai se aplicar, da mesma forma, ao corpo e à população, que permite a um só tempo controlar a ordem disciplinar do corpo e os acontecimentos aleatórios de uma multiplicidade biológica, esse elemento que circula entre um e outro é a “norma”.

A articulação entre o crescimento da população e a expansão das forças produtivas é crucial para entender como o capitalismo se sustenta. Foucault (2008) sugere que, para o capitalismo florescer, é necessário haver uma gestão e controle dos corpos humanos, no qual a disciplina atua para garantir que os indivíduos contribuam para essa dinâmica de acumulação. Nos recortes acima, os enunciados da neurociência, mobilizados pelo discurso médico como forma de biopoder, transformam o corpo em um objeto de regulação contínua (Foucault, 2008), que, no caso da materialidade, têm um fim específico: o uso das práticas da neurociência como estratégia empresarial para o alcance da produtividade financeira.

A neuroprodutividade, termo usado constantemente na segunda parte do audiovisual, não é apenas uma questão de esforço pessoal; ela é apresentada como algo que depende da capacidade do indivíduo de ajustar seus neurotransmissores e controlar seus hábitos, de modo a atingir um estado ideal de desempenho para a produtividade econômica. Esse discurso é sustentado por uma estratégia de controle dos processos biológicos internos do sujeito (neurotransmissores, sono, alimentação), transformando o corpo em uma máquina de produtividade. Esse controle é, ao mesmo tempo, uma forma de disciplinar o sujeito e torná-lo mais útil e eficiente para o sistema econômico. A gestão de corpo e mente torna-se, assim, uma responsabilidade do próprio sujeito, incitado a regular sua biologia para alcançar o ápice econômico e social, a partir de um discurso de êxito do governo de si.

O lugar científico, a medicina, apresentado no audiovisual, a partir das composições gramaticais “dopamina, noradrenalina, acetilcolina, serotonina” agenciam um discurso médico que insere o corpo em uma rede de materialidades que inclui tanto fatores biológicos (neurotransmissores, hormônios) quanto tecnológicos (métodos de gestão de tempo, bloqueio de distrações), configurando-o como um organismo que responde às exigências de um mundo hiperprodutivo. Mas, não é só isso. Esse discurso mobiliza formas sutis e poderosas de controle sobre o corpo e a mente dos indivíduos. A neurociência, aqui, parece sustentar-se em várias formas de controle: a dos corpos, a do saber médico e a da economia.

A estratégia enunciativa da produtividade extrema, associada ao flow cerebral, produz um efeito de autogovernamentalidade regulada: os sujeitos são incitados a governarem-se, internalizando normas e práticas que os tornam mais úteis e produtivos para a sociedade, ao mesmo tempo em que se autogerem, mediante a oferta de técnicas para otimizar tempo, energia e foco. Sob a ótica foucaultiana, esse processo configura uma biopolítica que, ao disciplinar o corpo e a mente, produz corpos eficazes e sujeitos ajustados a uma racionalidade de fluxo contínuo, desempenho e autoaperfeiçoamento. É interessante observar que o biopoder, aqui, não age de forma repressiva, mas incita o sujeito a se regular, a ajustar sua biologia e a otimizar seu comportamento. Com efeito, o discurso da neurociência apresentado no audiovisual alimenta e reforça a adoção de práticas bioascéticas, que requerem do indivíduo o comprometimento de suas ações, através da modulação da sua conduta e o constante trabalho de autovigilância. Espera-se, assim, que, ao exercer sua liberdade e autonomia, o sujeito seja transformado em perito de si, especialista de seu corpo e de sua mente, a ponto de torná-lo um indivíduo cujo desempenho corporal é aquele solicitado pelo neoliberalismo e pela perspectiva do sujeito como uma empresa produtiva. A antiga ideia de subordinação e dependência em relação à empresa dá lugar ao “homem da empresa e da produção”, segundo Foucault (2008, p. 201).

No funcionamento desse discurso, verifica-se um poder de controle da própria biologia do indivíduo para alcançar autonomia financeira e, assim, essa promessa esconde uma forma de sujeição mencionada por Lazzarato (2014). Em outros termos, a liberdade é transformada em uma função da produtividade para o sistema capitalista: o sujeito é livre desde que produza ao máximo. Esse

discurso parece vigorar a promessa de controle sobre a produtividade, já que é uma forma de sujeição, pois coloca o sujeito em um ciclo contínuo de autovigilância e regulação. Sob a ótica de Barad (2007), essa visão do corpo como algo que pode ser regulado ao extremo ignora a complexidade das intra-ações que constituem o corpo. Diante desse regime de controle, as táticas de regular os neurotransmissores e alcançar um estado de produtividade máxima falham ao ignorar as contingências da vida material.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No caminho traçado aqui, desmembraram-se, em partes, as relações de poder, corpo e capitalismo que se organizam, na materialidade, pelo discurso da neuroprodutividade como forma de alcançar ascensão econômica. Para tanto, esta investigação mostrou um tensionamento em direção ao capitalismo contemporâneo e à produtividade divulgada pelo mercado de *coaching* financeiro. Tendo no bojo essa discussão, percebe-se que o discurso da alta produtividade se potencializa em um modo sofisticado de biopoder e governamentalidade (Foucault, 1999). Os efeitos que adensam o corpo e a mente transformam-se em objetos de regulação contínua, nos quais o sujeito é incitado a se autogerir e otimizar sua biologia para alcançar a produtividade extrema.

Observou-se, também, que, conforme Lazzarato (2014), o capitalismo contemporâneo é “[...] caracterizado por um duplo regime de subjetividade, a sujeição - centrada na subjetividade do sujeito individual-, e a servidão - que envolve uma multiplicidade de subjetividades e protosubjetividades humanas e não humanas” (Lazzarato, 2014, p. 35).

Assim, a servidão maquínica mobiliza semioses que se tornam vias para a produção da subjetivação centrada no indivíduo, enquanto corpo atuante/integrante dos mecanismos do biopoder.

A politização da vida, na modernidade, une aquilo que é da ordem da vida comum (*zoé*) ao modo de viver da própria vida (*biós*) numa relação de exclusão inclusiva, conforme (Agamben, 2002) apresenta na epígrafe deste artigo. Isto é, pelas regulamentações do poder, a vida comum é excluída no processo de expropriação potencial humana, arregimentado a partir de uma biopolítica (Agamben, 2002). Todavia, é, pois, pelo jogo de exclusão da vida comum que ela é incluída no espaço político. No objeto analítico, identificou-se que o controle das funções cerebrais, a partir de um método de neuroprodutividade, é o ponto de encontro para tornar o sujeito um milionário. Os saberes médicos são o elo que articula o biopoder à disciplina de modo a controlar a vida comum do sujeito, agenciando o tempo pela disciplinarização da mente que está a serviço da produtividade econômica.

As implicações contemporâneas do capitalismo que é circunscrito numa seara tecnológica criada no próprio modo de produção dele se detêm de maneiras meticulosas de monitoramento dos corpos, pelo biopoder enquanto exercício de controle sobre a própria subjetividade, materializado no discurso da governança da mente. O biopoder é elemento indispensável para desenvolvimento e manutenção do capitalismo que, para continuar existindo, carece de controle dos corpos no aparelho de produção e o faz por meio de práticas de autogovernança, incentivando o sujeito a se monitorar e ajustar continuamente sua biologia em prol do sistema econômico. Esse discurso, longe de oferecer liberdade, transforma o sujeito em um agente de sua própria regulação, perpetuando um ciclo de sujeição, no qual a busca por produtividade máxima nunca é totalmente realizada.

O capitalismo age sobre os corpos mais incisivamente, deslocando-os de suas condições de existência para inseri-los numa projeção de sociedades individuais, ou melhor, de uma sociedade igualitária nas condições econômicas e todas as outras. Nessa ótica, o indivíduo assalariado não tem a vida financeira promissora de um herdeiro bilionário porque não fez bom uso de seu tempo. A maquinaria do capitalismo se detém de uma mecânica de poder que define o domínio sobre os corpos, não apenas para ser feito o que se quer, mas, sobretudo, articula, com técnicas, via disciplina, a fabricação de indivíduos dóceis (Foucault, 2014). A coerção disciplinar aumenta as forças do corpo com objeto mercadológico, isto é, o funcionamento dessa estrutura neoliberal mantém ocupado o indivíduo para buscar incessantemente a ascensão financeira. Quanto maior for a produtividade, maior será a exaustão de sua capacidade corpórea e, com isso, mais indivíduos dóceis, estabelecendo o elo coercitivo entre uma aptidão aumentada e uma dominação acentuada (Foucault, 2014), para manutenção do capitalismo contemporâneo.

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, G. *Homo Sacer: o poder soberano e a vida nua I*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.
- ANTUNES, R. (org.). *Uberização, trabalho digital e indústria 4.0*. São Paulo: Boitempo, 2020.
- BARAD, K. *Meeting the Universe Halfway: Quantum Physics and the Entanglement of Matter and Meaning*. London: Duke University Press, 2007.
- BRAGADO, L. Quem é Elon Musk e como ele ficou rico. *Época negócios*, jul. 2024. Disponível em: <https://epocanegocios.globo.com/mundo/noticia/2024/07/como-elon-musk-ficou-rico.gh.html>. Acesso em: 21 nov. 2024.
- CHESNAIS, F. *Finance capital today: corporations and banks in the lasting global slump*. Boston: Brill Academic Pub., 2016.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *O Anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia*. Tradução de Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Ed. 34. 2010.
- FOUCAULT, M. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e José Augusto Guilhaon Albuquerque. 13. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1999.
- FOUCAULT, M. *A verdade e as formas jurídicas*. Tradução de Roberto Cabral de Melo Machado e Eduardo Jardim Moraes. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2002.
- FOUCAULT, M. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Tradução de Raquel Ramallete. 35. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.
- FOUCAULT, M. *Em defesa da sociedade*. São Paulo: M. Fontes, 2010.
- FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*. São Paulo: Editora Loyola, 2014.
- FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense universitária, 2015.
- GUATTARI, F.; ROLNIK, S. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Rio de Janeiro: Vozes, 1986.
- LAZZARATO, M. *Signos, Máquinas e subjetividades*. São Paulo: Edições Sesc, 2014.
- MARX, K. *A origem do capital: a acumulação primitiva*. Tradução de Walter S. Maia. 6. ed. São Paulo: Global editora, 1985.
- MARX, K. *O Capital – Livro I*. Tradução de Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013.
- PORTO, F. *Neuroprodutividade: a ciência da alta performance*. Integração Humana e Treinamento Eirelli, 2023. [online vídeo] Disponível em: https://sl.drfredericoporto.com/flow?mdk=FPT-VEX-PAID-YT-NPR-NPR0001-BABT-X-TVFA-C0035-FLOW-695302755791&trk_src=google&trk_cpg=21139727655&trk_adgp=160006688626&trk_ad=695302755791&&utm_campaign=NPR0001&utm_source=YT&utm_medium=PAID&utm_content=695302755791&utm_term=FPT-ME-PAID-YT-NPR-NPR0001-BABT-X-TVFA-C0035-FLOW-695302755791. Acesso em: 29 ago. 2024.

SANTOS, W. S.; DUTRA JÚNIOR, W.; SILVA, G. F. Educação e neoliberalismo no brasil nos anos de 1990: o desmonte da educação pública. *Revista de Estudos em Educação e Diversidade*, Itapetinga, v. 5, n. 12, p. 1-24, 2024. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/reed/article/view/15891>. Acesso em: 27 ago. 2025.



Recebido em 27/02/2025. Aceito em 12/06/2025.

Publicado em 25/09/2025.